

Contribuições da Medicina da Família para a família do século XXI

Em 1966 nascia nos Estados Unidos uma especialidade que não era uma simples especialidade, mas sim uma nova forma de olhar a Medicina, uma forma de cuidados médicos que fora criada por exigência da própria sociedade americana, a qual tinha expressado a sua discordância em relação ao tipo de cuidados médicos vigente nessa altura, baseados numa medicina predominantemente tecnológica e exercida maioritariamente por especialistas nos hospitais. Em 1969, com a fundação do *American Board of Family Practice* e a criação das primeiras escolas de formação de internos, este processo tem o seu início oficial.

George Engel, no ano de 1977, publica na *Science* um artigo que se tornou um clássico, no qual introduz o chamado modelo bio-psico-social, capaz de contemplar o elemento genuinamente humano na experiência da doença sem por isso perder o seu rigor científico. A partir desta altura, a barreira entre saúde e doença começa a perder consistência. A saúde não é mais vista como um produto ou um estado, mas como um processo multidimensional no qual interactivam permanentemente sistemas biológicos, psicológicos, culturais, ambientais e familiares. Muda também a função do médico, que já não se limita a curar a doença, mas a cuidar da saúde, tendo em conta a pessoa doente no seu contexto vital. Desta maneira passa-se de uma medicina centrada na doença para uma medicina centrada no doente, com a sua particular forma de vida, e os seus contextos familiar e social.

No ano passado, o ano 2000, falecia tranquilamente em sua casa George Engel, pai da Medicina Familiar e propulsor do novo *paradigma*: o modelo biopsicosocial.

Actualmente, no ano primeiro ano do novo milénio, os que exercitamos a Medicina Familiar devemos olhar para o futuro sem esquecer o passado. Temos de ser conscientes e lutar para que, como dizia Engel «a transição de um modelo bio-médico para um modelo bio-psico-social não seja apenas uma questão legislativa, nem o resultado lógico da descoberta de novos factos, mas sim um processo progressivo de mudança que deve acontecer naqueles que exercem a medicina familiar e nos sistemas prestadores dos serviços de saúde». Portanto, a Medicina de Família do novo milénio tem que ser entendida e praticada à luz das inovações que, em finais dos anos 40 e princípios dos anos 50, Engel introduziu juntamente com um grupo de colegas da Faculdade de Rochester. Estes médicos elaboraram e transmitiram aos estudantes de Medicina o conceito de que a história clínica dos doentes estaria incompleta se nela não se incluísse uma valorização da experiência que o doente tem da sua doença, bem como do seu contexto familiar. À visão fragmentada e reducionista contrapõe-se, assim, a humanização e a integração da atenção às pessoas.

Entramos já no século XXI. Mudaram os tempos e os factos. Antigamente, a família era mais fechada porque a comunicação era menos dinâmica. Actualmente, existem múltiplas interacções e o núcleo familiar tem que ser mais aberto a outros núcleos familiares e sociais, mas também mais coeso internamente porque, de outro modo, corre o perigo de ser fragmentado, abrindo caminho a um desequilíbrio familiar que será fonte de patologias de diversa índole. O papel do médico de família pode ser fundamental na prevenção de *disfuncionalidades* familiares. Para isso terá que começar por se perguntar a si mesmo: como é a minha família? Que faço no dia-a-dia para incrementar a coesão e a funcionalidade da minha família? Só depois de responder a estas perguntas nos podemos perguntar sobre o que podemos nós, como médicos de família, trazer à família neste novo milénio.

Certamente, progresso tecnológico e científico continuará a fazer crescer a esperança média de vida. Mas, por outro lado, temos uma cultura cada vez mais individualista e a caminhar a passos largos para a desumanização da sociedade, das famílias e das pessoas.

Nós, médicos de família, temos que nos empenhar em exercer, cada um no seu local de trabalho, uma medicina mais humana, reparando mais em cada uma das pessoas, em cada um dos doentes e na sua família.

Nem sempre esta será uma tarefa fácil, sobretudo quando a burocracia nos esmaga e os progressos tecnológicos nos levam a centrar a atenção na doença, esquecendo, tantas vezes, o doente e as suas circunstâncias pessoais e familiares. Contudo, o nosso contributo para a família do novo milénio consiste em tentar fazer uma medicina familiar mais humana, para assim fazer um milénio mais humano.

*Daniel Serrano Collantes
Interno do Internato Complementar de
Clínica Geral/Medicina Familiar
Centro de Saúde de Celas
Coimbra.*

Endereço para correspondência:

*Daniel Serrano Collantes
Centro de Saúde de Celas
Rua Augusto Rocha 6-8
3000-076 Coimbra
e-mail: clubeprisma@mail.telepac.pt*